



Libertinagem

Luís Delfino. Só que sem o amor paternal, o amor fraternal e o amor redução. E sem a paixão. O “Se a segunda casasse, eu mesmo iria à Igreja, levá-la pela mão” de Delfino se transforma em “Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida” em Bandeira. O poema incorpora, ainda, versos de Rimbaud — “a minha vida outrora teria sido um festim!”, repete a pergunta de Tetrarca a Salomé de Oscar Wilde — “não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três mulheres do sabonete Araxá”. Faz o mesmo com *Ricardo II*, de Shakespeare — “O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá”. Vale-se, sempre com a mesma ironia, de Biliac, de Castro Alves e de letras de sambas de carnaval da época. A colagem e o entrecruzamento dos textos seguem a experiência cubista e surrealista. O autor sempre afirmou que era comum compor *meio* fora de si — febre, cansaço, sonho. O surrealismo de André Breton potencializava o humor algo triste do Bandeira tuberculoso. Contra a morte, a ironia e o insólito. Bandeira do “O cacto” — “Era belo, áspero, intratável” transformado no “O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada” do “Porquinho-da-índia”, ambos em *Libertinagem*. O Bandeira dos sonhos e o Bandeira afinado compuseram o magistral “Canção das duas Índias”, em *Estrela da Manhã*, poema construído oniricamente, considerado por muitos um dos mais importantes poemas da poesia brasileira e o “Noturno da Parada Amorim”, em *Libertinagem*, — “O violoncelista estava a meio do Concerto de Schumann / Subitamente o coronel ficou transportado e começou a gritar: — *Je vois des anges! Je vois des anges!*”. A plasticidade surrealista amalgama os sentidos, encobre com manto artístico voz e luz — como em “A Virgem Maria”, de *Libertinagem* — “Mas de lá de dentro do fundo da treva do chão da cova / Eu ouvia a vozinha da Virgem Maria / Dizer que fazia sol lá fora (...)” e faz da poesia de Bandeira um dos momentos mais altos e nobres da nossa história literária. Bandeira sabe que, assim como a arte, a vida é uma construção. Melhor erguê-la num desenho poético.

Não sei dançar

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria...
Abaixo Amiel!
E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.

Sim, já perdi pai, mãe, irmãos.
Perdi a saúde também.
É por isso que sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu tomo alegria!
Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.

Mistura muito excelente de chás...
Esta foi açafata...

— Não, foi arrumadeira.
E está dançando com o ex-prefeito municipal.
Tão Brasil!

De fato este salão de sangues misturados parece o Brasil...

Há até a fração incipiente amarela
Na figura de um japonês.
O japonês também dança maxixe:
Acugêlê banzai!
A filha do usineiro de Campos
Olha com repugnância
Para a crioula imoral.

No entanto o que faz a indecência da outra
É dengue nos olhos maravilhosos da moça.
E aquele cair de ombros...
Mas ela não sabe...
Tão Brasil!

Ninguém se lembra de política...
Nem dos oito mil quilômetros de costa...
O algodão do Seridó é o melhor do mundo?... Que me importa?
Não há malária nem moléstia de Chagas nem anelóstomos.
A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
Eu tomo alegria!

Petrópolis, 1925

O anjo da guarda

Quando minha irmã morreu,
(Devia ter sido assim)
Um anjo moreno, violento e bom,
— brasileiro

Veio ficar ao pé de mim.
O meu anjo da guarda sorriu
E voltou para junto do Senhor.

Mulheres

Como as mulheres são lindas!
Inútil pensar que é do vestido...
E depois não há só as bonitas:
Há também as simpáticas.

E as feias, certas feias em cujos olhos vejo isto:
Uma menininha que é batida e pisada e nunca sai da cozinha.

Como deve ser bom gostar de uma feia!
O meu amor porém não tem bondade alguma.
É fraco! fraco!
Meu Deus, eu amo como as criancinhas...

És linda como uma história da carochinha...
E eu preciso de ti como precisava de mamãe e papai
(No tempo em que pensava que os ladrões moravam no morro
[atrás de casa e tinham cara de pau].

Pensão familiar

Jardim da pensãozinha burguesa.
Gatos espapaçados ao sol.
A tritrica sita os canteiros charos.
O sol acaba de crestar as boninas que murcharam.
Os girassóis
amarelo!
resistem.
E as dália, rechonchudas, plebéias, dominicais.

Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:
— É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.

Petrópolis, 1925

Camelôs

Abençoado seja o camelô dos brinquedos de tostrão:

O que vende baldezinhos de cor

O macaquinho que trepa no coqueiro

O cachorrinho que bate com o rabo

Os homenzinhos que jogam box

A perereca verde que de repente dá um pulo que engraçado

E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa alguma

Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos:

— “O cavalheiro chega em casa e diz: Meu filho, vai buscar um

[pedaço de banana para eu acender o

[charuto. Naturalmente o menino

[pensará: Papai está malu...”

Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis com o tino ingênuo de

[demurgos de inutilidades.

E ensinam no tumulto das ruas os mitos heróicos da meninice...

E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição

[de infância.

O cacto

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatutária:

Laocoonte constrangido pelas serpentes,

Ugolino e os filhos esfaimados.

Evocava também o seco Nordeste, carnaubais, caatingas...

Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

Um dia um tuíão furibundo abateu-o pela raiz.

O cacto tombou atravessado na rua,

Quebrou os beirais do casario fronteiro,

Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças,

Arrebitou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou

[a cidade de iluminação e energia:

— Era belo, áspero, intratável.

Petrópolis, 1925

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

.....

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão

[direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Comentário musical

O meu quarto de dormir a cavaleiro da entrada da barra.

Entram por ele dentro

Os ares oceânicos,

Maresias atlânticas:

São Paulo de Luanda, Figueira da Foz, praias gaélicas da Irlanda...

O comentário musical da paisagem só podia ser o sussurro sinfónico
[da vida civil.

No entanto o que ouço neste momento é um silvo agudo de sagüim:
Minha vizinha de baixo comprou um sagüim.

Poética

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem-comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
[cunho venáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar
[com cem modelos de cartas e as diferentes
[maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Chambre vide

Petit chat blanc et gris

Reste encore dans la chambre

La nuit est si noire dehors

Et le silence pèse

Ce soir je crains la nuit

Petit chat frère du silence

Reste encore

Reste auprès de moi

Petit chat blanc et gris

Petit chat

La nuit pèse

Il n'y a pas de papillons de nuit

Où sont donc ces bêtes?

Les mouches dorment sur le fil de l'électricité

Je suis trop seul vivant dans cette chambre

Petit chat frère du silence

Reste à mes côtés

Car il faut que je sente la vie auprès de moi

Et c'est toi qui fais que la chambre n'est pas vide

Petit chat blanc et gris

Reste dans la chambre

Éveillé minutieux et lucide

Petit chat blanc et gris

Petit chat.

Petrópolis, 1922

Bonheur Lyrique

Coeur de phtisique
O mon coeur lyrique
Ton bonheur ne peut pas être comme celui des autres
Il faut que tu te fabriques
Un bonheur unique
Un bonheur qui soit comme le piteux instructu en chiffon d'une
[enfant pauvre
— Fait par elle-même.

Porquinho-da-índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
— O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

Mangue

Mangue mais Veneza americana do que o Recife
Cargueiros atracados nas docas do Canal Grande
O Morro do Pinto morre de espanto
Passam estivadores de torso nu suando facas de ponta
Café baixo
Trapiches alfandegados

Carraias de abacaxis e de bananas
A Light fazendo crusvaldina com resíduos de coque
Há macumbas no piche
Eh cagira mia pai
Eh cagira
E o luar é uma coisa só

Houve tempo em que a Cidade Nova era mais subúrbio do que
[todas as Meritis da Baixada
Patria amada idolatrada de empregadinhos de repartições públicas
Gente que vive porque é teimosa
Cartomanes da Rua Carmo Neto
Cirurgiões-dentistas com raízes gregas nas tabuletas avulsivas
O Senador Eusébio e o Visconde de Itaúna já se olhavam com rancor
(Por isso
Entre os dois
Dom João VI mandou plantar quatro renques de palmeiras imperiais)
Casinhas tão térreas onde tantas vezes meu Deus fui funcionário
[público casado com mulher feia e
[morri de tuberculose pulmonar
Muitas palmeiras se suicidaram porque não viviam num píncaro
[azulado.
Era aqui que choramingavam os primeiros choros dos carnavais
[cariocas.
Sambas da tia Ciara
Cade mais tia Ciara
Talvez em Dona Clara meu branco
Inasulando cheganças pra o Natal
O menino Jesus — Quem sois tu?
O preto — Eu sou aquele preto principá do centro do catãnge
[do fundo do rebole. Quem sois tu?
O menino Jesus — Eu sou o fio da Virge Maria.
O preto — Entonces como é fio dessa senhora, obedeço.
O menino Jesus — Entonces cumã você obedece, reze aqui
[um terceto pr'esse exerceo vê.
O Mangue era simplesinho

Mas as inundações dos solstícios de verão
Trouxeram para Mata-Porcos todas as uíaras da Serra da Carioca
Uíaras do Tapicheiro
Do Maracanã
Do rio Joana
E vieram também sereias de além-mar jogadas pela ressaca nos
[aterrados da Gamboa
Hoje há transatlânticos atracados nas docas do Canal Grande
O Senador e o Visconde arranjaram capangas
Hoje se fala numa porção de ruas em que dantes ninguém acreditava
E há partidas para o Mangue
Com choros de cavaquinho, pandeiro e reco-reco
És mulher
És mulher e nada mais

OPERTA

Mangue mais Veneza americana do que o Recife
Meriti meretriz
Mangue enfim verdadeiramente Cidade Nova
Com transatlânticos atracados nas docas do Canal Grande
Linda como Juiz de Fora!

Belém do Pará

Bembelelem
Viva Belém!
Belém do Pará porto moderno integrado na equatorial
Beleza eterna da paisagem
Bembelelem
Viva Belém!

Cidade pomar
(Obrigou a polícia a classificar um tipo novo de delinqüente:
O apedrejador de mangueiras)

Bembelelem
Viva Belém!

Belém do Pará onde as avenidas se chamam Estradas:
Estrada de São Jerônimo
Estrada de Nazaré

Onde a banal Avenida Marechal Deodoro da Fonseca de todas as
[cidades do Brasil

Se chama liricamente
Brasileiramente
Estrada do Generalissimo Deodoro

Bembelelem
Viva Belém!

Norrista gostosa
Eu te quero bem.

Terra da castanha
Terra da borracha
Terra de biribá bacuri sapoti
Terra de fala cheia de nome indígena
Que a gente não sabe se é de fruta pé de pau ou ave de plumagem
[bonita.

Norrista gostosa
Eu te quero bem.

Me obrigará a novas saudades
Nunca mais me esquecerei do teu Largo da Sé
Com a fe maciça das duas maravilhosas igrejas barrocas
E o renque ajoelhado de sobradinhos coloniais tão bonitinhos

Nunca mais me esquecerei
Das velas encarnadas
Verdes
Azuis
Da doca de Ver-o-Peso
Nunca mais

E foi pra me consolar mais tarde
Que inventei esta canção:

Bembelelem
Viva Belém!
Norrista gostosa
Eu te quero bem.

Belém, 1928

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana
Não a Maurisstad dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —
Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as
[vidraças da casa de dona Aninha Viegas
Tótônio Rodrigues era muito velho e botava o pinicênê na ponta
[do nariz
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras,
[mexericos, namoros, risadas

A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:

Coelho saiu!
Não saiu!

A distância as vozes macias das meninas poltronavam:

Roseira dá-me uma rosa
Graveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)

De repente
nos longes da noite
um sino

Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Tótônio Rodrigues achava sempre que era São José.
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo

Rua da União...
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
Arras de casa ficava a Rua da Saudade...
... onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...
... onde se ia pescar escondido
Capibaribe
— Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banhados de palha

Um dia eu vi uma moça ninha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheial! As cheias! Barro boi morto árvores destróços redomoinho
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos dessemidos
[sumiu
[em jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalcadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos
[meus cabelos

Capiberibe

— Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas

Com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado era
[cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusiáda

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...

Meu avô morto.

Recife morto. Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

Rio, 1925

Poema tirado de uma notícia de jornal

Jolo Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da

[Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Teresa

A primeira vez que vi Teresa

Achel que ela tinha pernas estúpidas

Achel também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do
[corpo nascesse])

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Lenda brasileira

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que
saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão.
Quis puxar o gatilho e não pôde.
— Deus me perdoe!
Mas o Cussaruiu veio vindo, veio vindo, parou junto do caça-
dor e começou a comer devagarinho o cano da espingarda.

A Virgem Maria

O oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mordomo da
[Santa Casa e o administrador do cemitério de S. João Batista
Cavaram com enxadas
Com pás
Com as unhas
Com os dentes
Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de renúncia
Depois me botaram lá dentro
E puseram por cima
As Tábuas da Lei

Mas de lá de dentro do fundo da treva do chão da cova
Eu ouvia a vozinha da Virgem Maria
Dizer que fazia sol lá fora
Dizer i n s i s t e n t e m e n t e
Que fazia sol lá fora.

Oração no saco de Mangaratiba

Nossa Senhora me dê paciência
Para estes mares para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existência
Tão mal cumprida tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

1926

O major

O major morreu.
Reformado.
Veterano da guerra do Paraguai.
Herói da ponte do Ipororó.
Não quis honras militares.
Não quis discursos.
Apenas
À hora do enterro
O correteiro de um batalhão de linha
Deu à boca do túmulo
O toque de silêncio.

Cunhantã

Vinha do Pará.
Chamava Siquê.
Quatro anos. Escurinha. O riso gurrural da raça.
Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz no meio da testa:
— Que foi isto, Siquê?
Com voz de detrás da garganta, a boquinha tuíra:
— Minha mãe (a madrastra) estava costurando
Disse vai ver se tem fogo
Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo
Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa

Riu, riu, riu

Uêrêquitãua.
O ventilador era a coisa que roda.
Quando se machucava, dizia: Ai Zizusi!

1927

Oração a Teresinha do Menino Jesus

Perdi o jeito de sofrer.
Ora essa.
Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.
Quero alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!
Santa Teresa não, Teresinha...
Teresinha... Teresinha...
Teresinha do Menino Jesus.

Me dá alegria!
Me dá a força de acreditar de novo
No
Pelo Sinal
Da Santa
Cruz!
Me dá alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!...
Santa Teresa não, Teresinha...
Teresinha do Menino Jesus.

Andorinha

Andorinha lá fora está dizendo:
— "Passei o dia à toa, à toa!"
Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa...

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.
No meio da noite desperrei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente

Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Tortônio Rodrigues
Tomásia
Rosa

Onde estão todos eles?
— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Madrigal tão engraçadinho

Teresa você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida,
[inclusive o porquinho-da-índia que me deram
quando eu tinha seis anos.

Nocturno da Parada Amorim

O violoncelista estava a meio do Concerto de Schumann

Subitamente o coronel ficou transportado e começou a gritar:
[— "*Je vois des anges! Je vois des anges!*" — E
[deixou-se escorregar sentado pela escada abaixo.

O telefone tilintou.
Alguém chamava? ... Alguém pedia socorro? ...

Mas do outro lado não vinha senão o rumor de um pranto desesperado! ...

(Eram três horas.
Todas as agências postais estavam fechadas.
Dentro da noite a voz do coronel continuava gritando: — "*Je vois
[des anges! Je vois des anges!*")

Na boca

Sempre tristíssimas estas cantigas de carnaval
Paixão
Ciúme
Dor daquilo que não se pode dizer

Felizmente existe o álcool na vida

E nos três dias de carnaval éter de lança-perfume
Quem me dera ser como o rapaz desvairado!

O ano passado ele parava diante das mulheres bonitas
E gritava pedindo o esguicho de cloroilo:

— Na boca! Na boca!

Umás davam-lhe as costas com repugnância
Outras porém faziam-lhe a vontade.

Ainda existem mulheres bastante puras para fazer vontade aos

[viciados

Dorinha meu amor...

Se ela fosse bastante pura eu iria agora gritar-lhe como o outro:
— Na boca! Na boca!

Macumba de Pai Zuzé

Na macumba do Encantado

Nego véio pai de santo fez mandinga

No palacete de Botafogo

Sangue de branca virou água

Foram vé estava morta!

Noturno da rua da Lapa

A janela estava aberta. Para o quê, não sei, mas o que entrava
era o vento dos lupanares; de mistura com o eco que se partia nas
curvas cicloidais, e fragmentos do hino da bandeira.

Não posso atinar no que eu fazia: se meditava, se morria de
espanto ou se vinha de muito longe.

Nesse momento (oh! por que precisamente nesse momento?...)
é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacá-
vel, implacável!

Compreendi desde logo não haver possibilidade nenhuma de
evasão. Nascer de novo também não adiantava. — A bomba de fitil!
pensei comigo, é um inseto!

Quando o jacto fumigatório partiu, nada mudou em mim; os
sinos da redenção continuaram em silêncio; nenhuma porta se
abriu nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR. Senti
que ele não morreria nunca mais, nem sairia, conquanto não hou-
vesse no aposento nenhum busto de Pallas, nem na minh'alma, o
que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora.

Cabelo

Viagem à roda do mundo

Numa casquinha de noz:

Estive em Cabelo.

O macaco me ofereceu cocos.

Ó maninha, ó maninha,

Tu não estavas comigo!...

— Estavas?...

1928

Irene no céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

Palinódia

Quem te chamara prima
Arruinaria em mim o conceito
De teogonias velhíssimas
Todavia viscerais

Naquele inverno
Tomaste banhos de mar
Visitaste as igrejas
(Como se tenesses morrer sem conhecê-las todas)
Tiraste retratos enormes
Telefonavas telefonavas...

Hoje em verdade te digo
Que não és prima só
Senão prima de prima
Prima-dona de prima
— Primeva.

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:
— Antônio, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua
[cara.
A moça olhou de lado e esperou.

— Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma
[lagarta listada?

A moça se lembrava:
— A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita docura:

— Antônio, você parece uma lagarta listada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônio, você é engraçada! Você parece louca.

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
*1 Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo

Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

O impossível carinho

Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Quero apenas contar-te a minha ternura
Ah se em troca de tanta felicidade que me dás
Eu te pudesse repor

— Eu soubesse repor —
No coração despedaçado
As mais puras alegrias de tua infância!

Poema de finados

Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E proctura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida
É a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero.
Em verdade estou morto ali.

O último poema

Assim eu quereria o meu último poema

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais limpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.